

LITERATURA COMO EXPRESSÃO FILOSÓFICA: UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA NA OBRA A NÁUSEA DO FILÓSOFO JEAN PAUL SARTRE.

Beatriz Rodrigues Casusa¹; Luciano Lima Maquiné Santiago.²

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a relação entre a filosofia e a literatura no pensamento de Jean-Paul Sartre na obra A Náusea. Para isso, propomos fazer uma análise da prosa de Sartre e identificar as marcas do existencialismo nos personagens construídos pelo autor e filósofo. Por meio desse estudo analítico interpretativo, visamos compreender em que medida a obra literária de Sartre se torna um elemento fundamental de expressão filosófica e em que sentido a obra sartreana colabora para a reflexão e a humanização do leitor de Sartre. O estudo demonstra a importância da literatura como veículo de reflexão filosófica. Ao analisar como Sartre utiliza a literatura para explorar temas existenciais, podemos fortalecer o diálogo entre as áreas de literatura e filosofia. A presente pesquisa através da análise da obra A Náusea evidenciou, de maneira clara e consistente, a intensa relação entre literatura e filosofia, demonstrando como Jean-Paul Sartre conseguiu converter conceitos abstratos em experiências concretas e sensíveis por meio de sua narrativa literária.

Palavras-chave: Filosofia. Literatura. Existencialismo. Náusea. Sartre.

Financiamento: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

Introdução:

A literatura e a filosofia são duas áreas distintas do conhecimento humano, no entanto entrelaçam-se em uma complexa e profícua relação. Desde a Grécia Antiga, filósofos como Platão e Aristóteles utilizaram a literatura como ferramenta para explorar questões existenciais, éticas e políticas. Na modernidade, autores como Jean-Paul Sartre, Albert Camus e Simone de Beauvoir consolidaram a literatura como um campo fértil para a reflexão filosófica.

O romance "A Náusea", publicado por Jean-Paul Sartre em 1938, é um exemplar notável da interseção entre literatura e filosofia. Através da narrativa em primeira pessoa do personagem Antoine Roquentin, Sartre explora temas centrais do existencialismo,

¹ Estudante do Curso técnico em Química do IFMA no Campus Barra do Corda; E-mail: beatrizcasusa@gmail.com

² Professor orientador Me. Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Campus Barra do Corda; E-mail: luciano.santiago@ifma.edu.br

como a liberdade individual, a náusea como metáfora da angústia existencial, a responsabilidade e a busca por um sentido na vida.

O existencialismo sartriano propõe que a existência precede a essência, ou seja, o ser humano não nasce com um destino predeterminado, mas é livre para construir sua própria vida.

Em "A Náusea", Sartre mergulha na subjetividade de Roquentin, explorando os meandros da consciência humana. O personagem experimenta uma profunda angústia diante da contingência do mundo, ou seja, da falta de um fundamento absoluto que dê sentido à existência humana. Essa angústia se manifesta na náusea, um sentimento físico que acompanha Roquentin em suas reflexões sobre a vida, o tempo, a liberdade e a morte.

Diante do que foi exposto, esta pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre filosofia e literatura na obra "A Náusea" de Jean-Paul Sartre. Busca-se compreender como Sartre utiliza a literatura para explorar os conceitos centrais do existencialismo, como a liberdade individual, a angústia existencial e a busca por um sentido na vida. Através da análise do texto literário, pretende-se também identificar as ferramentas literárias que Sartre utiliza para transmitir suas ideias filosóficas ao leitor.

Sartre escreveu diversas obras durante sua vida, seja literárias ou filosóficas, um exemplo a ser citado é a Náusea, um romance escrito por Sartre que apresenta a filosofia defendida pelo autor, o existencialismo. As ideias existencialistas são abordadas de forma coesa, entretanto, exige mais da interpretação e análise do leitor, enquanto outra obra de Sartre, com foco filosófico; O Ser e o Nada, apresenta os pensamentos diretos de Sartre sobre o existencialismo. Em uma entrevista da Situations IX³, Sartre afirmou ter mais facilidade em escrever filosofia do que romance.

Para Sartre, se dedicar à escrita é expor o seu modo de pensar e sua visão de mundo, portanto, é uma escolha do indivíduo escrever ou não. Sendo aquilo que o prosador escreve um reflexo de sua própria imagem, com a emoção podendo vazar pelas palavras. Segundo ele mesmo o escritor sendo medíocre, ele precisa se esforçar ao máximo para alcançar seu objetivo de conquistar aquela quantidade de leitores: ‘O

³ A entrevista encontra-se *Sur moi-même*, seção publicada em **Jean-Paul Sartre, Situations IX** (Paris: Gallimard, 1972). Trata-se de uma série de conversas autobiográficas concedidas por Sartre na década de 1960, muitas delas originalmente vinculadas à revista *Les Temps Modernes*, em Paris, e posteriormente reunidas no volume.

homem que fala está além das palavras, perto do objeto; o poeta está aquém. Para o primeiro, as palavras são domésticas; para o segundo, permanecem no estado selvagem.” O que é literatura? (Sartre, 1947, p. 13-14).

As obras que Sartre escreveu foram: A imaginação (1936), A Náusea (1938), Esboço de Uma Teoria das Emoções (1939), O Imaginário (1940), O Ser e o Nada (1943), Entre Quatro Paredes (1944), O Existencialismo é um Humanismo (1946), O que é a literatura? (1947), As Mãos Sujas (1948), Os Caminhos da Liberdade (1945-1949), São Genet, Comediante e Mártir (1952), Os Sequestrados de Altona (1959), Crítica da Razão Dialética (1960), As Palavras (1964), O idiota da família (1972).

Metodologia:

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma metodologia de caráter bibliográfico e qualitativo, fundamentada na análise crítica da obra A Náusea, de Jean-Paul Sartre. O procedimento metodológico iniciou-se com a leitura atenta e integral do romance, buscando apreender não apenas o enredo, mas também os aspectos simbólicos, reflexivos e existenciais presentes ao longo da narrativa. A partir dessa leitura, foram identificados traços marcantes da filosofia existencialista, tais como a angústia, a liberdade, a contingência e o absurdo da existência.

Em um segundo momento, realizou-se a comparação desses elementos com trechos selecionados de obras filosóficas do próprio Sartre, de modo a estabelecer um diálogo entre o discurso literário e o discurso filosófico. Essa etapa permitiu compreender como o romance, embora seja uma produção literária, incorpora e traduz conceitos centrais do existencialismo, revelando a inter-relação entre a criação artística e a reflexão teórica.

Por fim, os elementos extraídos foram interpretados à luz do existencialismo, evidenciando como a literatura pode servir como meio de expressão e de compreensão da filosofia. Assim, o estudo não apenas investigou a presença do pensamento existencialista em A Náusea, mas também buscou demonstrar a relevância da obra enquanto ponte entre literatura e filosofia, contribuindo para uma visão mais ampla da experiência humana sob a ótica sartriana.

Resultados e discussões

Tabela 1: Personagens encontrados na obra A Náusea

Personagem	Caracterização	Contribuição para o Existencialismo
Antoine Roquentin	Protagonista, historiador que sente a “náusea” diante da existência.	Encara a contingência e o absurdo da existência: percebe que os seres simplesmente são, sem finalidade ou essência prévia. Representa a consciência da liberdade radical, mas também do peso do existir.
Autodidata	Frequentador da biblioteca, defensor do humanismo ingênuo.	Representa a tentativa de mascarar a contingência da vida com ideologias como o humanismo (“é preciso amar os homens”). Sua visão é contraposta por Antoine, que vê nessas justificativas uma fuga do absurdo. Ele é naturalmente mais otimista e positivo que Antoine.
Anny	Ex-amante de Roquentin, ligada a ideais estéticos e a “momentos perfeitos”.	Mostra a busca ilusória de sentido através de padrões externos (beleza, arte, perfeição). Sua decadência simboliza o fracasso de dar à vida uma finalidade transcendente. Também demonstra o apego ao passado que Antoine sente e sua dificuldade de seguir em frente.
Sr. de Rollebon	Nobre do século XVIII, objeto da pesquisa histórica de Roquentin.	É o símbolo do passado como ilusão de sentido. Roquentin percebe que reviver vidas alheias não justifica sua própria existência, reforçando a ideia de que o indivíduo deve criar seu próprio sentido.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos personagens encontrados na obra A Náusea

O livro A Náusea, de Jean-Paul Sartre publicado em 1938 apresenta o existencialismo por meio do protagonista Antoine Roquentin o qual se propõe a registrar todos acontecimentos de sua vida, com a intenção de analisá-los com mais clareza, ele decide anotar tudo até mesmo os detalhes mais insignificantes.

Embora ele diga que não se lembra mais com tanta nitidez de alguns acontecimentos, ele narra alguns episódios no livro, cujo ponto em comum é que a náusea se manifesta neles: em um sábado, viu um grupo de garotos jogando pedras no rio e quis se juntar a eles; no entanto, ao pegar uma pedra, desistiu e foi embora, recebendo algumas

risadas das crianças. Ele relata que sentiu algo repugnante: “O que ocorreu em mim não deixou vestígios claros. Havia algo que vi e que me desagradou, mas já não sei se estava olhando para o mar ou para o seixo.” (Sartre, 1938, p. 16). Essa foi a primeira vez que a náusea apareceu.

Em seguida, ele escreve sobre eventos recentes, falando sobre loucura e diz que se recusa acreditar que é louco, mas que tem sentimentos e acontecimentos estranhos. Com medo de algo que não sabe o que é. Então, começou a escrever fatos cotidianos, sobre pegar o ônibus, ir para o quarto e etc. Até que ele se sente curado desses sentimentos ruins que havia dentro dele e toma a decisão de desistir de escrever um diário.

Na segunda-feira, dia 25 de janeiro de 1932, Antoine retoma ao diário e relata novamente sentimentos estranhos tomando conta dele e é descrito como:

Alguma coisa me aconteceu, já não posso mais duvidar. Isso veio como uma doença, não como uma certeza comum, não como uma evidência. Instalou-se pouco a pouco, sorrateiramente, senti-me um pouco estranho, um pouco incomodado, e foi tudo. (Sartre, 1938, p. 19)

Logo todos detalhes de sua vida começam a incomodá-lo, até a maneira como ele pega o garfo. Em outro momento, ele diz: “No entanto, se tivesse um mínimo de conhecimento de mim mesmo, seria esse o momento de utilizá-lo” (Sartre, 1938, p. 19).

Depois, ele fala sobre mudanças e se pergunta se o ambiente ao seu redor mudou ou se foi ele, mas logo ele chega a conclusão de que foi ele e que vê isso como desagradável. Ele se considera suscetível a mudanças, como se várias metamorfoses se juntassem dentro dele e acarretam em uma transformação.

Ele relembra detalhes de sua vida e lembranças voltam para ele, ele se sente vazio e pensa que sua paixão morreu há muito tempo e sentia algo que repugnava por dentro dele e isso o assusta, não saber o que se passa consigo mesmo, dizendo a seguinte frase que encerra a passagem: “Gostaria de me entender com exatidão antes que seja tarde demais” (Sartre, 1938, p. 21).

Portanto, nessa passagem podemos notar que Antoine Roquentin sofre de um sentimento estranho que ele não sabe a origem e a causa, mas que se estende pelo corpo dele e modifica sua consciência. Isso é a náusea que ele sente, a angústia causada pelo existencialismo, esse sufoco de ver que sua vida não foi guiada por um Deus ou outra entidade, foi criada por ele mesmo.

O existencialismo não é tanto um ateísmo no sentido em que se esforçaria por demonstrar que Deus não existe. Ele declara, mais exatamente: mesmo que Deus existisse, nada mudaria, eis nosso ponto de vista. Não que acreditamos

que Deus exista, mas pensamos que o problema não é de sua existência, é preciso que o homem se reencontre e se convença de que nada pode salvá-lo dele próprio, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus. (Sartre, 1946, p. 22).

A vida que ele tem não atende a sua expectativa e por isso se sente deprimido por causa disso, se sente atordoado pelo peso de suas próprias ações, essa é a náusea. Também é notório a presença da filosofia nos questionamentos do personagem, pois ele busca compreender o motivo dessa náusea, escrever é uma maneira de processar melhor esse sentimento é uma atitude filosófica onde ele procura o conhecimento de si mesmo e de sua vida.

Na terça-feira, 26 de janeiro, Antoine comenta que seus pensamentos estão nebulosos e enquanto segue sua rotina, ele pensa em Anny brevemente, uma mulher do passado dele. Ele se sente incomodado e lembra de sua infância, onde lembrou-se de um homem solitário e ele reflete se era isso que ele sentia medo, de ser um adulto solitário.

Ele continua seguindo sua rotina e não entende as coisas que anda fazendo e suas próprias ações, onde refletiu: “Já não sou livre, já não posso fazer o que quero.” (Sartre, 1938, p. 26). Ele também reflete sobre os objetos e a sensação de tocá-los e descreve novamente a náusea: “Era uma espécie de enjojo adocicado. Como era desagradável! E isso vinha da pedra, tenho certeza, passava da pedra para as minhas mãos. Sim, é isso, é exatamente isso: uma espécie de náusea nas mãos” (Sartre, 1938, p. 26). E logo depois ele percebe que está incomodado por estar sozinho e queria alguém para desabafar, como a Anny.

Dessa forma, torna-se evidente o quanto a literatura e o existencialismo se entrelaçam ao longo da obra. A narrativa em primeira pessoa, ao nos colocar diretamente em contato com os pensamentos, sentimentos e inquietações de Antoine, não apenas aproxima o leitor de sua vivência subjetiva, mas também possibilita uma imersão na maneira como ele percebe e reage ao mundo. Esse recurso literário cria uma ponte entre a experiência individual do personagem e a reflexão filosófica existencialista, permitindo que se compreenda, na prática da leitura, conceitos que muitas vezes aparecem de forma abstrata na filosofia. Assim, a Náusea funciona como uma concretização da teoria existencialista, revelando, pouco a pouco, a angústia, o estranhamento e a busca de sentido vividos pelo protagonista. É significativo notar que, mesmo sem nomear ou reconhecer de imediato esse sentimento, Antoine já manifesta, desde os primeiros

capítulos, sinais do desconforto existencial que, mais tarde, se consolidará na experiência da náusea.

No artigo de Renato Belo (p. 58-78, 2020), “Filosofia e Literatura em Jean-Paul Sartre: vizinhança comunicante e ressonância ética”, o autor discute como filosofia e literatura se interligam sem fronteiras fixas. Belo mostra que ambas formam uma “vizinhança comunicante”, em que dizem e não dizem as mesmas coisas. Ele também destaca a “ressonância ética”, que evidencia a dimensão engajada da literatura em Sartre: cada palavra e silêncio do autor possuem implicações éticas e políticas.

Enquanto para Schneider, no artigo, (p. 51-59, 2006): “A Náusea e a Psicologia Clínica: interações entre Literatura e Filosofia em Sartre”, ela aponta que a literatura é um campo de experimentação filosófica e psicológica e que o romance “A Náusea” funciona como uma espécie de radiografia psicológica para Antoine Roquentin, assim a literatura não é apenas um veículo de ideias, mas um modo para vivenciar conceitos filosóficos e psicológicos. Afinal, o existencialismo ajuda a compreender a vida das pessoas.

Para Souza, (p. 147-166, 2012) “Tensão e ambiguidade na filosofia de Sartre”, Sartre consegue explicar as tensões fundamentais de seus problemas de fenomenologia e ontologia na obra “O ser e o Nada” apenas com o trabalho da literatura que serve como um meio de comunicação entre elas. Sartre também diz que a literatura não é apenas um detalhe, mas sim uma ponte para conectar conceitos que seriam incomunicáveis.

Para Rufinoni, (p. 201-218, 2008) “Liberdade dramática: ética e literatura na escrita de Sartre”, os romances sartreanos não são simplesmente ilustrações de conceitos filosóficos, mas sim uma forma dramática em que é representado a experiência humana com o poder de escolha, existência e as consequências de nossas ações. Sartre diz que a literatura é um ato situado que coloca tanto o escritor quanto o leitor diante da necessidade inevitável de fazer escolhas. Além de provocar uma experiência mais imersiva ao permitir o leitor de experimentar o peso da responsabilidade inerente a toda escolha e ver os conflitos vividos pelos personagens ao sentir a tensão da liberdade e contingência.

A conexão entre literatura e filosofia está constantemente espalhada no livro. No diário de Antoine, na sexta-feira, 29 de janeiro, ele se olha no espelho e não se reconhece mais, nem fisicamente e nem a sua psiquê, pois não reconhece todas as suas escolhas e tudo ao seu redor não parece fazer sentido. Ele acredita no que as pessoas dizem à ele.

Momentos depois, ele foi para um café e logo se sente tonto e com enjoo, sendo um sintoma da náusea, entretanto, ele continua no café. Ele não sabe corretamente o que

causa a náusea, ele até se pergunta se é a cor da parede, ele crê que são inúmeros fatores que causam a náusea. Quando a música acaba e o silêncio toma conta, ele reflete: “O que acaba de ocorrer é que a Náusea desapareceu. Quando a voz se elevou no silêncio, senti meu corpo se enrijecer e a Náusea se dissipou. Bruscamente: Era quase doloroso se tornar assim todo rijo e rutilante” (Sartre, 1938, p.38).

Então Antoine sente seu corpo de maneira diferente, como uma máquina e precisão em repouso, seus gestos mudaram, como se fosse uma dança. Antoine se levanta e vai para o cinema, até que ele vê seu próprio reflexo em um espelho e acha seu próprio rosto inumano. Enquanto está no caminho do cinema, ele vê um casal, sendo a mulher uma antiga conhecida chamada Lucie. Ela estava sofrendo violência de seu namorado e a única pessoa por perto era Antoine, ele até pensa em ajudá-la, mas ele reflete que isso daria muito trabalho e desiste: “Viro-lhe as costas. Afinal ela tem sorte. Quanto a mim, há três anos que estou excessivamente calmo. Já nada posso receber dessas solidões trágicas, a não ser um pouco de pureza inútil. Vou-me embora” (Sartre, 1938, p. 43).

Vendo tal ação de Antoine, podemos dizer que ele estava ciente do que era certo e errado para si próprio e decidiu não ajudar a sua conhecida, de tudo que ele poderia fazer ele escolheu virar as costas. Para o existencialismo, o homem nada é além do que ele se faz. Portanto, o homem faz a escolha por si mesmo:

Fazer a escolha por isto ou aquilo equivale a afirmar ao mesmo tempo o valor daquilo que escolhemos, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem sê-lo para todos. (Sartre, 1946, p. 20).

Durante o decorrer do livro, existem diversas outras situações onde Antoine tem que tomar escolhas, principalmente escolhas com grandes consequências, mas a verdade é que todo dia nós traçamos nosso próprio destino com base em nossas próprias decisões, onde escolhemos quem queremos nos tornar.

Dois personagens ajudaram bastante a concretizar a visão existencialista que Antoine foi construindo ao longo da obra, sendo esses o Autodidata e a Anny. O Autodidata, que frequentemente está na biblioteca, é um humanista extremamente otimista que acredita na bondade inerente do ser humano. Antoine sente desdém por ele, entretanto, as vezes sente pena, pois acredita que ambos são parecidos, só que o Autodidata apenas tem uma visão ilusória da existência. Sartre utiliza bastante o Autodidata para criticar o humanismo, pois enquanto o Autodidata se refugia na ideia da

essência humana fixa, Antoine enfrenta a angústia da liberdade, consciente de que deve criar seu próprio sentido para a vida e assumir a responsabilidade de suas escolhas.

Por outro lado, a relação de Antoine e Anny é muito mais afetiva, pois ela é seu amor do passado e quando os dois se reencontram, eles não conseguem mais se entender como antes e se reconectar, o que deixa Antoine infeliz. Anny também tem suas próprias teorias, onde ela defende o que são momentos perfeitos, que são situações que poderiam explicar o sentido da existência para Anny. Isso tudo impulsiona Antoine para trabalhar mais no existencialismo, pois não tem como se livrar da náusea, ela é como uma epifania, o que acordou Antoine para ele perceber a verdade sobre a existência.

Conclusão:

Conclui-se que a análise da obra *A Náusea* evidenciou de forma clara e consistente a profunda intersecção entre literatura e filosofia, revelando como Jean-Paul Sartre foi capaz de transformar conceitos abstratos em experiências concretas e sensíveis por meio da narrativa. O romance, ao mesmo tempo em que funciona como um relato ficcional da vida de Antoine Roquentin, também se apresenta como uma reflexão filosófica sobre o sentido da existência, a liberdade e a angústia. Observa-se que Sartre utiliza a literatura não apenas como ilustração de suas ideias, mas como um campo de experimentação, no qual o leitor é conduzido a vivenciar, ainda que de maneira indireta, os dilemas fundamentais do existencialismo.

O estudo demonstrou, assim, que a obra não se limita a expor os fundamentos do existencialismo, mas também revela a visão de Sartre sobre a escrita como ato de liberdade, engajamento e responsabilidade. Ao narrar o desconforto existencial do protagonista, o autor mostra como a literatura pode ser um instrumento para a reflexão filosófica, articulando pensamento e experiência estética. Dessa forma, a pesquisa cumpriu plenamente seu propósito, reafirmando a relevância de *A Náusea* tanto para a compreensão do pensamento existencialista quanto para o diálogo contínuo entre literatura e filosofia.

Agradecimentos

Agradecemos ao IFMA pelo apoio científico e infraestrutura, pela concessão da bolsa de pesquisa, essenciais para a realização desta pesquisa.

Referências

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2023.

SARTRE, J-P. **O que é literatura**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3ªE, São Paulo: Editora Aplicada, 2004. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8289/mod_resource/content/2/SARTRE%20C%20Jean-Paul%20-%20Que%20%C3%A9%20a%20literatura.pdf> Acesso em: 10/03/2024.

SOUZA, Thana Mara. **Sartre e a literatura engajada**. São Paulo: Edusp, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

SANTOS BELO, R. (2020). FILOSOFIA E LITERATURA EM JEAN-PAUL SARTRE. Eleuthería - **Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS**, 5(09), 58 - 79. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/12001>>. Acesso em: 20/06/2025.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. A Náusea e a psicologia clínica: interações entre literatura e filosofia em Sartre. **Estud. pesqui. psicol. [online]**. 2006, vol.6, n.2, pp.51-61. ISSN 1808-4281. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812006000200005&script=sci_abstract>. Acesso em: 01/08/2025.

RUFINONI, Priscila Rossinetti. Liberdade dramática: ética e literatura na escrita de Sartre. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 49, n. 117, p. 201-218, jun./2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-512X2008000100012>>. Acesso em: 01/07/2025.

SOUZA, Thana Mara de. TENSÃO E AMBIGUIDADE NA FILOSOFIA DE JEAN-PAUL SARTRE. **Trans/Form/Ação**, Marília, SP, v. 35, n. 1, p. 147–166, 2012. DOI: 10.1590/S0101-31732012000100010. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1806>. Acesso em: 20/04/2025.